

A CATHEDRAL DE FIUME

SUMMARIO

A Cathedral de Fiume.—*Noções de Economia Domestica*, D. Maria José da Silva Canuto.—*As mulheres que votam*, (fragmentos).—*Palestras*, (splematicas e romanticas).—*Engeitado!*, D. Eliza Caodur.—*Egreja de Leça do Balio.*—*A mulher*, Ophelia.—*Mã*, (poesia), Diogo Souto.—*Variedades.*—*Chronica feminina.*—*Chronica dos theatros*, Py-Thon.—*Album Enigmatico.*
GRAVURAS:—*A Cathedral de Fiume.*—*Egreja de Leça do Balio.*
NA CAPA:—*Conselhos e receitas.*

A CATHEDRAL DE FIUME

Em um valle apertado, na foz do Fiumara, proximo ao golpho de Quarnero, levanta-se orgulhosa e febril, na sua actividade constante a cidade de Fiume, pertencente á Croacia, na monarchia austro-hungara.

O porto de Fiume é o mais importante de toda a monarchia, que por elle estabelece as suas relações commerciaes com o exterior; e póde por isso avaliar-se do movimento e da agitação que reina sempre na cidade, onde, além do commercio importantissimo, ha tambem um bom numero de fabricas, industrias diversas e variadas.

Muitos são os edificios valiosos que se encontram na cidade de Fiume, mas entre elles destaca-se com a sua opulencia assombrosa a admiravel Cathedral de S. Veit, que a nossa gravura representa.

A Cathedral foi construida segundo os planos da egreja de Santa Maria del Salute em Veneza e ostenta a grandeza, a arte finamente trabalhada e o

gosto apurado e *rafiné*, que lhe dão um logar dos mais honrosos entre os primeiros edificios do mundo.

O trabalho da pedra, principalmente, constitue um verdadeiro primor de arte e de bom gosto; ao mesmo passo que as linhas correctas das grandes massas imprimem no conjunto um cunho severo e grandioso, que contrasta graciosamente com o delicado da esculptura. A attenção do observador fixa-se por muito tempo n'aquelle espectáculo tão bello e tão variado, e a cada momento uma nova maravilha de arte ou de execução lhe disputa a preferencia, e lhe offerece uma nova occasião de justificado assombro.

NOÇÕES DE ECONOMIA DOMESTICA

XIX

Ha ainda umas excellentes esteiras de tabúa que são bem confortaveis para a pobreza. Parece que ora sobre estes humildes leitos que dormiam os frades arrabidos. Pelo menos, assim nol-o inculcavam em 1825 quando fomos visital-os em festiva romagem, á lindissima e poetica serra da Arrabida. Eramos uma caravana de trinta a quarenta romeiros, de ambos os sexos e de quasi todas as idades; alojamo-nos em uns casarões velhos, antiga propriedade dos duques de Aveiro: os bons dos frades forneceram-nos das suas convidativas esteiras; estendemol-as por cima de camadas de alecrim verde desfolhado, que os rapazes á portia nos vendiam, e improvisámos umas camas odo-

riferas, hygienicas a mais não poder ser. Quando traduzi o meu *Jocelyni*, comprehendí-o bem na descripção da sua cama de fetos, onde lhe repousavam a Laura e a corça.

Mas as nossas eram mais luxuosas: tinham lençoes e cobertores; posto que nos não faltassem a ruidosa alegria e os arroubos do espirito, a que a magestade do logar e as esplendidas maravilhas da creação nos transportavam!

Não são os arminhos que nos trazem saúde nem prazer. *Porque melhor é a sabedoria que todas as riquezas de mais subido valor; e tudo quanto é appetecivel não se pôde comparar com ella. Proverbios, cap. VIII v. 11.*

Espelhos

O espelho não é só um objecto de luxo; é tambem de necessidade. A aristocracia consome n'este objecto sommas fabulosas: a dona de casa razoavel só empregará n'isto o dinheiro indispensavel; a pobresinha tambem pôde ter o seu espelhinho, onde se remire nas suas horas de resignação e de alegria, que as ha para todos.

As créadas pertence terem o maior cuidado com essa parte da mobilia; evitar que se molhem as doiraduras; tratar, segundo as nossas indicações, as molduras polidas; correr os vidros com esponja, pouco umbida em agua, e enxugal-os com pannos limpos, seccoos e finos.

Os espelhos que permanecem em quartos humidos, perdem a pouco e pouco a camada metalica (estanho), que lhes dá a propriedade de reflectir as imagens.

Em um tratado das *Noções elementares de physica* do sr. Pina Vidal, descreve s. ex.^a scientificamente o espelho; e indica o *kaleidoscopio*, ou multiplicação das imagens nos espelhos! Eu estive uma vez em uma sala, onde havia um só espelho grande: quando se caminhava da extremidade opposta da casa para o espelho, vinham surgindo em cerrado pelotão, innumeras imagens eguaes á que era objecto do plano reflector. E não ha muito tempo, bastantes pessoas haviam de ver em uma exposição de figuras de cêra um espelho que desfigurava todas as physionomias em caréttas horrendas!

Attribue-se aos phenicios a invenção do vidro, 1640 annos antea de Jesus Christo; porém n'essa época os seus espelhos eram de metal polido.

Foi em Veneza que se começaram a fabricar os mais bellos espelhos; depois vieram os de Bohemia; de Paris e de Inglaterra: Portugal não inveja as suas antecessoras; rivalisa com ellas em perfeição e nitidez.

MARIA JOSÉ DA SILVA CANUTO.

AS MULHERES QUE VOTAM

(FRAGMENTOS)

(Continuação)

A questão não é nova. Esta reivindicção politica das mulheres, este desejo de se querer associar ao homem e substituil-o mesmo no governo do Estado, data de longe. Ha dois mil annos já Aristophanes escrevia sobre este objecto uma das suas melhores comedias, e desde então a tentativa feminina tem sido muitas vezes repetida.

Tratemos da ultima, que tem ficado e ficará por muito tempo sem acquiescencia, pelo menos entre as mulheres. As razões do insuccesso são bem simples e faceis de conhecer.

Em primeiro logar grande numero de mulheres não tem lido este manifesto, mas ainda mesmo que todas as mulheres do universo o tivessem lido o resultado seria absolutamente o mesmo.

Vejamos como se divide a especie feminina no nosso paiz, para sabermos em que grupo o manifesto poderia ter approvação e apoio.

Primeiramente ha mulheres felizes no estado actual das coisas. Estas, não só não pedem a menor reforma, mas temem-n'as e taxam de loucas as mulheres que as pedem; porém, a dizer a verdade, a felicidade pessoal não é um argumento n'uma discussão geral, é simplesmente um privilegio que facilmente degenera n'um egoismo. Tambem muitos homens tem achado a felicidade no estado social em que viviam, mas isso não tem impedido que outros homens, soffrendo com esse estado de coisas, tenham feito revoluções necessarias que não acabam sem satisfazer e aproveitar aos descontentes. Com a adhesão das mulheres felizes ha pois a contar o menos possivel. Todavia o numero das felizes não constitue a maioria.

Ha tambem mulheres habeis e intelligentes que, munidas de certas qualidades physicas e moraes, não sentem o mal de que as outras se queixam; fazem o que querem no meio em que vivem, dominam os homens e declaram que as descontentes são apenas as desastradas e as nescias, que não sabem, como ellas, tirar partido do estado das coisas.

Com estas pode-se contar tanto como com as primeiras. Não só não lamentam a sua posição, mas acham-n'a boa e contam que nunca será mudada; em todo o caso, se a mudança viesse, seriam as primeiras a aproveitar-se d'ella. Porém a sùbtiliza d'estas, como a felicidade das outras, não são documentos irrefutaveis n'esta questão.

Ha ainda, e são a massa, as mulheres do povo e do campo, suando de manhã até á noite para ganhar o pão quotidiano, fazendo o que faziam as suas mães, e pondo no mundo, sem saber porque nem como, filhas que por seu turno as imitarão, a não ser que, mais bonitas e por consequencia menos obedientes, saiam do grupo pelo caminho tentador e facil da prostituição.

De dorso curvado pelo trabalho, fitando a terra, domadas pela miseria, vencidas pelo habito, servas das necessidades dos outros, estas creaturas com a forma de mulheres não supõem mesmo que a sua condição possa um dia ser modificada. Não tem a facultade de pensar e de reflectir, nem tempo para isso. Quando a carga é muito pesada, caem grunhindo como animaes derribados, e vertem grossas lagrimas á idéa de deixarem os pequenos sem recursos, ou então agradecem instintivamente a morte, isto é, o repouso de que tem tanta necessidade. Não se pode pois contar tambem com a adhesão d'estas infelizes.

Se o jornal onde se acha o *Appello ás mulheres* lhes cae nas mãos, envolvem n'elle um bocado de peixe salgado ou um pouco de queijo com um quarto de pão duro, e não o leem pela melhor de todas as razões: porque não sabem ler.

Ha mulheres honestas, escravas do dever, piedosas; a religião tem-lhes ensinado o sacrificio, por isso não só não se lamentam pelas provas que atravessam, mas fazem ainda por conquistar trabalhos penosos, no intuito de melhor merecerem a recompensa promettida.

Para estas tudo vem pela vontade de Deus e tudo é como deve ser n'este valle de lagrimas, caminho da eterna bemaventurança. Em caso nenhum reclamariam o que o *Appello ás mulheres* pede, nem mesmo o acceitariam, se lh'o offerecessem.

Muitas vezes não leem nem os jornaes nem os livros onde se questionam estas coisas; esta leitura é-lhes interdita. Se por acaso tivessem conhecimento d'estas idéas, suggeridas de certo pelo espirito maligno, ruborizar-se-hiam, soffreriam pelo seu sexo, e pediriam a Deus por aquellas que propagam erros tão perigosos e dão exemplos tão maus. Para estas a submissão é a sua lei, o sacrificio a sua alegria e o martyrio a sua esperança; não se póde pois contar com ellas, ainda que soffram do estado actual da sociedade.

Todavia, nem a felicidade egoista das que se acham bem, nem a subtilidade, a ignorancia, a miseria e a escravidão de umas, nem a fê cega, o extasi e a immobilitate voluntaria de espirito das outras, são argumentos sem replica.

(Continua.)

PALESTRAS

(Spleenaticas e romanticas)

Um tedio invade-nos, um enorme desgosto da existencia possui-nos; é uma estupenda massada esta vida, diz-se muitas vezes em desalentos preguiçosos, olhando á tarde a chuva que bate tristemente o *macadam* formando enxurradas ou fazendo lamaçal.

Tem-se no *boudoir* um pequenino fogão elegante e commodo, espalhando um calor benéfico como uma caricia; ha as largas pelles felpudas e macias que agasalham; existe ali ao pé um delicioso livro de texto bom e illustrações encantadoras; sobre a meza o ultimo numero de uma revista jaz ainda por abrir; ha mil coisas que devem attrahir-nos, prender-nos, fazer-nos amar o nosso ninho fofo, mas acha-se insupportavel, morre-se de aborrecimento, diz-se em maldições expiatorias, por esta existencia tediosa.

Outras vezes são as meninas Mendes, umas romanticas côr de cidra, de olhos pisados e cinta premida que amaldiçoam este mundo:—Uma monotonia—afirmam desconfortadas,—sem sensações fortes, nada que commova! Tudo um prosaismo! Nem uma pontinha do ideal, da poesia, que envolvia o viver doce e amoroso das antigas castellãs da idade média!

E ficam-se horas e horas de olhos fitos na lua idealizando com inveja o viver das bellas castellãs d'outros tempos, requestadas por guerreiros desconhecidos que triumphavam das pugnas sanguinolentas em que ellas eram o premio do vencedor. Que romantico! ser o premio d'uma victoria!

E dilatam-se em devaneios longos que lhos fazem ver mais tarde o marido envergado novamente a pesada armadura para correr a outros combates que o chamariam longe. De vizeira calada e oscuro apuramado o seu senhor partiria deixando-as sós. No castello, um pagem louro e branco como um anjo, ler-lhe-hia, sentado aos pés, coisas extraordinarias, d'um sentimento commovente. Outras vezes o menestrel sobrasando um bandolim dourado acompanharia em tons dolentes uma ballada apaixonada, vibrante do enthusiasmo e da mocidade do trovador.

Que bello! Que esplendido seria tudo aquillo!

E estas visionarias, arrastadas pela phantasia, não reflectem um momento, não analysam, não comparan.

Se na sua teima de se considerarem descontentes, entretivessem os seus ocios de *spleenaticas* olhando bem os tempos passados e pondo-os em paralelo com o seu viver de hoje, rodeado de mil pequeninas coisas de uma confecção delicadissima, inventadas pelo progresso e trabalhadas em requintes de arte para lhes suavisar a existencia. Se ás homenagens dos homens de hoje comparassem os tratos brutaes dos ferozes de outras eras, em que a mulher deixava de ser olhada como ente humano para simplesmente ser tratada como besta desprezível; épocas de uma recordação toda dolorosa em que o sexo fraco, sem distincções de classe, era o instrumento utilitario do homem, carregando-lhe com as bagagens nas caminhadas longiquas, atravez dos desertos aridos, cavando de dia com as mãos a toca que á noite lhes havia de servir d'abrigo. Avivando bem na mente o quadro lastimoso da mulher espancada, batida pela brutalidade do mais forte, conhecendo apenas da vida o que n'ella havia de mais amargo e de mais cruel. Vendo o que hoje se nos afigura uma monstruosidade degradante,—a compra de uma mulher,—representar então um beneficio no destino d'essas infelizes, que até ali, sem protecção nem defeza propria, eram a presa do primeiro que as desejava! Comprada a mulher ficava, ao menos, pertencendo a um só homem, este tinha o direito de comprar muitas,—a polygamia estabelecia-se então, e a mulher que até ali tinha sido besta de carga passava a ser unicamente um objecto de voluptuosidade desbragada. A mais estimada era a que tinha mais filhos; a esteril tinha de ceder o logar á fecunda e o thalamo conjugal tornava-se o centro de rivalidades tumultuosas.

De progresso em progresso o destino da mulher melhorou; a idade média veio, mas o viver monotono e triste de castellã isolada, se não igualava em desconforto ao viver das filhas do deserto nas eras patriarchaes, estava contudo muito longe da poesia que hoje se lhe attribue, vista atravez da lenda, e em nada se podia comparar á vida commoda e facil da época actual.

Os homens de então, os guerreiros athletas que fariam medo ás mulheres hystericas de hoje, uma vez beliscados pelo ciúme, não tinham para as esposas os amuos que dão o prazer da reconciliação, nem em casos de maior gravidade requeriam o divorcio, o que seria ainda uma delicadeza attenciosa; fechavam-se na mudez sinistra dos seus pesados castellos e ali, na calada da noite, o corpo do pagem acusado e o da esposa adultera ou innocente, desapareciam nas profundezas insondaveis d'um fosso, que para sempre escondia o crime. A historia e a lenda estão cheias d'estas vinganças ferozes, sempre cruéis e raras vezes merecidas. Se analysassemos pois o quadro triste que nos offerece a sorte da mulher desde os tempos primitivos, e o comparassemos á nossa situação presente, toda cheia de liberdade, de luz e de progresso, talvez nos resignassemos mais facilmente com a sorte e nas horas morbidas do desalento não alcunhassemos a vida de insupportavel.

As que no conforto tepido das suas *fautouils* luxuosas, de bustos acariciados pelos bordados finos das roupas perfumadas, se queixam das incommodidades da existencia, lembramos-lhe que ha pouco mais ou menos 400 annos a mulher mais nobre e opulenta da França não possuia por junto, no fastigio de toda a sua grandeza, mais de duas camizas de grosso linho.

Se é pois certo que a desgraça dos outros ajuda a levar a nossa, suavizem-se assim as descontentes da sorte.

ENGEITADO!

(Continuação)

O crepusculo descia espalhando rapidamente as suas tintas pardacentas, dando ao aspecto das coisas um colorido de tristeza vaga. O ceo eril cavava cada vez mais a sua côr tenebrosa. Do poente e este pesadas moles de nuvens avançavam a encontrar-se com a magestade de luctadores herculeos preparados a combate. A trovoadá approximava-se com uma intensidade de som lugubre, annunciador de desgraça, fazendo nascer nos espiritos uma necessidade de refugio, de rezas, de coisas mysticas, que dão consolo.

A Joanna andava já em casa, d'um lado para o outro, atarantada, queimando alecrim, murmurando orações, fazendo rezas adequadas á occasião.

Os trabalhadores acabavam o dia e retiravam-se batendo o chão com largas passadas, anciosos do repouso e da familia.

O José Morgado, do lado da vargem, chegava vergando sob o carregó d'um enorme puceiro de espigas á cabeça e duas enchadas ao hombro; ia a pouzar tudo socegradamente, debaixo do alpendre, mas parou um instante, em pasmo, olhando o rosto transtornado da mulher que corria para elle n'uma sanha enfurecida de alienada, gesticulando com largos movimentos insultantes e bradando:

—Seu fumante, seu estragado, que é a perda da minha casa.

—Cala-te furia, respondia elle placidamente, pondo no chão as enxadas e o puceiro.

A furia, como o José lhe chamou, continuava sem o largar, berrando, ameaçando, vociferando insultos; e elle calado, prudente, n'uma grande paciencia cheia de philosophia, parecia desprezar aquelles ataques provocadores e entrando em casa deu com o Maximino preparado a ir ao logar cumprir as ordens da mãe. Tomou então um ar solemne e com muita gravidade, fez:

—Venha cá seu chocalheiro.

O Maximino foi logo, com uma grande angustia estampada nas facos, e um tremor nervoso em todo o corpo, occasionado pela preadivinhação do que o esperava.

—Vou levar, vou levar,—dizia comsigo, e as pernitás vergavam-lhe quebradas por violenta trepidação.

O pae foi á malga onde se achava misturadamente, n'uma grande confusão de embrulhos, o colorau, os cominhos e o cravo, e procurando, procurando deu finalmente com o papelinho da pimenta; chamou o pequeno despejou-lhe a pimenta na bocca com barbaridade selvagem,—berrando:

—E' p'ra outra vez não ir contar.—E abrindo a gaveta da larga meza da cosinha, puxou por negra colher de pau, pegou no braço da creança, abriu-lhe sem esforço a mão e zás zás com a força impulsiva de quem malha milho, elevando á altura da cabeça o braço ignobil, descarregava no tearinho membro do innocente golpes barbaros que só cessaram quando as carnes rasgadas deixaram correr no sobrado o sangue do pequenino martyr.

—Não torno... pelo amor de Deus... não torno,

—supplicava baixinho, afflicto, repassado d'uma angustia tormentosa de hora derradeira.

—Esta hade-te lembrar por uma temporada,—objectava o pae,—e satisfeito:

—E' para te acostumares a saber e a calar, meu badaleiro.

O pequeno ficou a chorar a um canto com a mão ensanguentada mettida entre os joelhos, como para minorar a dôr cruciante que tinha na ferida.

Sem se queixar, sem se defender, accusando a mãe, que o obrigara a commetter aquella falta, batendo-lhe, o Maximino só gemia entre lagrimas:

—Ai Jesus! que dôr...! ai Jesus, meu rico pae do ceo!

A mãe entrou e vendo-o ao canto parado,—fez logo:

—Então vae-se ou não se vae ao logar fazer o que eu mandei?

A noite descia os seus reposteiros de negridão pavorosa; á distancia de alguns passos os vultos ficavam já indistinctos na sombra.

Nas ramadas ondulantes o vento assobiava hymnos á tempestade feitos n'um côro infernal, e por cima a trovoadá cada vez mais horrivel, dardejava no espaço clarões sinistros.

Era medonho o tempo.

O pequeno tremia todo, olhando aquelle espectaculo horrivel.

—Vá, vá, é aviar antes que a noite feche,—ordenou a Morgada.

A Joanna, dentro, ainda disse compadecida:

—Crêdo, com um tempo d'estes mandar agora o rapaz por esse pinhal fóra!

—Pois se és tão caridosa, vae tu. Que tal está,—retorquiu enviperada a outra.

A Joanna objectou ainda umas ponderações rasoaveis, porém a Morgada exaltou-se, fallou no diabo, gritou: questão renhida principiava a levantar-se e o Maximino mais assustado em face da tormenta domestica que da tempestade dos elementos, partiu cheio de medo, pronunciando baixinho esta invocação elaborada na sua alminha d'anjo:

—Nossa senhora vá connigo, meu pae do ceo valei-me.—E quando os trovões tinham um estalido mais forte, a cabeça voltava-se-lhe rapidamente para traz, olhava o firmamento e a sua voz dizia mais alto, cheia de panico:—Meu rico pae do ceo, vou aqui sósinho, valei-me, valei-me.

Adiante, no pinhal, passou de repente uma faisca electrica contornando um pinheiro e enterrando-se na terra com estridor rechinante.

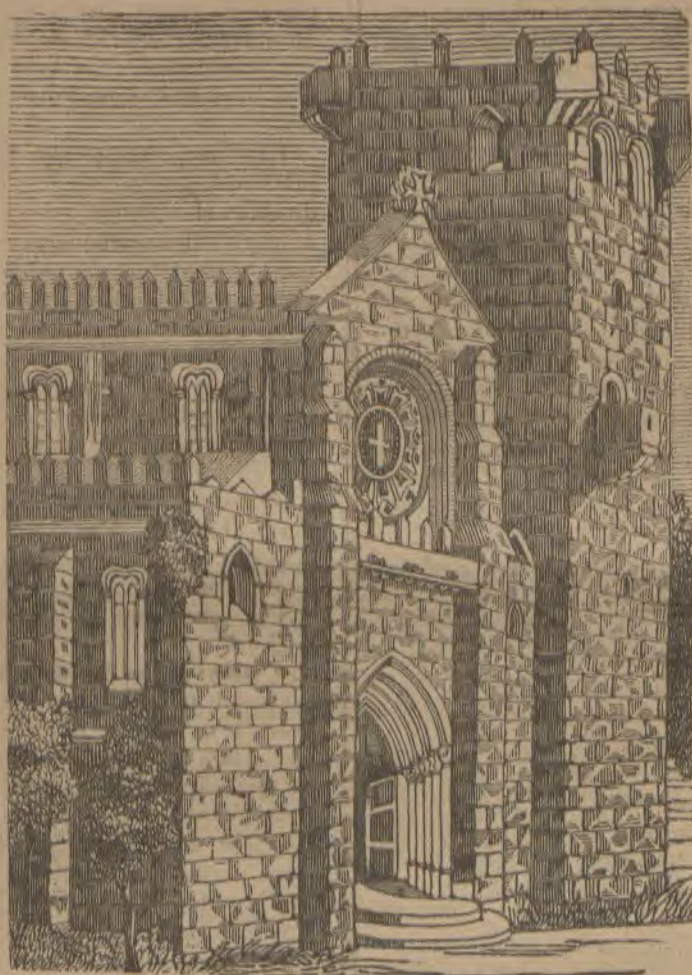
Continua.

ELIZA CAODUR.

EGREJA DE LEÇA DO BALIO

A igreja de Leça do Balio, que a nossa gravura reproduz, é um dos edificios mais venerandos de Portugal. Essa igreja de uma architectura pesada e tosca, com quanto elegante e bizarra, assistiu a uma boa parte da grande lucta travada na peninsula entre o christianismo e o islamismo, e viu nascer e desenvolver-se a monarchia portugueza.

Ignoramos a data da construcção da igreja, mas é sabido que em 1311 os hospitalarios de S. João de Jerusalem, governados pelo seu balio ou bailio, assen-



EGREJA DE LEÇA DO BALIO

taram ali a sua residencia, substituindo os templarios, que primeiro haviam occupado a casa e igreja de Santa Maria, que era então destinada ao seu mosteiro.

Leça do Balio é uma pequena villa pertencente ao concelho de Bouças, no districto do Porto; a sua população orça por 2:000 habitantes, pouco mais ou menos. Está situada n'um terreno baixo, regado e fertilizado pelo rio Leça, e tem arredores pittorescos verdejando alegres todo o anno.

A MULHER

Quantos, ao lerem o nome d'este jornal, farão um gesto de enfado, sorrindo desdenhosamente?... A mulher! Ora o que é a mulher, para querer ousadamente enfileirar-se a par d'esses abalisados obreiros litterarios, cuja penna prestigiosa trabalha incessante nos es-paventosos arabescos que ornamentam todos os dias os templos das sciencias e das artes? O que é a mulher? ente fragil, mesquinha parcella d'uma costella do primeiro homem, um accessorio que aprouve a Deus crear para recrear a vista, e... cozer as calças... cabecinhas leves e ôcas, muitas vezes bonitas nas fórmas, mas quasi sempre resentindo-se no con-juncto da pequenez da sua origem!... Embora seja obrigação geral reconhecer-se, que todas as creações

divinas são perfectas, deve, ainda assim, comprehender-se sem custo, que o barro amassado nas mãos do Sublime Architecto ficou de certo obra muito mais bonita e fina, do que aquella que teve o pequeno osso por origem... Embora de seculo para seculo, e de geração para geração, o pequenino vulto se tenha erguido um pouco, e o rei da criação se haja dignado conceder-lhe fóros, que antes não tinha, a despeito, mesmo, das grandes evoluções do progresso parece que é ainda, e sempre, estranho e caricato, que estas pequenas creaturinhas deixem de parte a questão transcendente das modas, e esquecendo o *crochet* e as tapeçarias sobre a *chaisè-longue* onde deviam preguiçosamente reecostar-se, se sentem a uma carteira e peguem n'uma penna para escrever, e pensar, e estudar, exactamente como um homem! E' ousadia... é muita ousadia, lá isso é... Que lessem um pouco, ainda vá... que enchessem os acanhados cerebros de todas as bonitas phantasias de Musset, Dumas filho e Zola, concedido... mas escrever! escrever para o publico, é espantoso!... Pois não é isto verdade, meus senhores? não é isto o que dizem e pensam muitas vezes? e contudo resta saber se deve dar-se-lhes razão? não me parece... Se a intelligencia, essa luz suprema, esse dom especial que Deus concedeu á creatura, não foi decretado que lhes pertencesse só, é de certo para que tambem os outros entes, a quem coube em sorte, possam por ella viver e gozar. E hoje, que o progres-

so tem lá fora começado já a grande obra da emancipação da mulher, e que, quer na litteratura, quer nas sciencias, ha já muitos nomes femininos illustres, deve modificar-se essa má vontade, e serem um pouquinho mais justos...

A mulher! E porque ha de o prestigio d'este nome esmorecer aureolando-se no talento, e não pelo contrario augmentar e divinizar-se?

Para longe o obscurantismo! Tal prejuizo, que poderia ser admissivel n'outras eras, deve ser impossivel hoje. Felizmente que a opinião de muitos não é a opinião de todos. O homem verdadeiramente delicado, o homem verdadeiramente intelligente, apreciando e animando affectuosamente a mulher collabora fraternalmente com ella; provando assim que sabe honrar um nome, que é synonymo d'outros, a que deve desde o berço amor e respeito.

OPHELIA.

M A

Fazes bem em dar no seio
á camelia um trono raro,
p'ra mostrar que inda é mais claro
esse marmore sem veio.

Fazes bem em coroar-te
d'esse diadema de ouro,
p'ra mostrar maior tezoiro
no teu cabelo sem arte.

E, tambem, se tu podesses
o coração tirar fóra,
co'a tenue mão sedutora
que em meio me corta as preces,

devias de pôr-lhe ao lado
a sanha de uma pantera,
p'r'o mundo ver que inda era
o coração mais danado.

(Foz do Douro).

Diogo Sotto.

VARIÉDADES

Cultura do eucalypto.—Na *Italia Agricola* encontramos as regras seguintes para a cultura do eucalypto:

Juntam-se duas partes de terra vegetal e uma parte de areia e penneira-se tudo enchendo com esta terra as caixas, que se devem conservar n'um local bem quente. Em outubro ou novembro semeiam-se os eucalyptos e cobre-se a semente com uma camada de terra de dois ou tres millímetros de espessura.

A semente germina ao fim de doze dias, pouco mais ou menos, e passados cinco mezes mudam-se as plantas para vasos ou caixas maiores e quando adquirem uma altura de 0,30 transplantam-se para a terra, regando-se poucas vezes no inverno e amiudadamente no verão.

O marfim de batata.—Por um processo chimico muito curioso, ultimamente descoberto, obtem-se com as batatas ordinarias uma substancia analogo a

marfim, um pouco amarellada, dura, elastica e susceptivel de tomar diversas collorações. Esta substancia de um preço relativamente baixo, póde ser applicada com vantagem no fabrico das bolas de bilhar e n'outros productos a que o marfim particularmente se destina.

Para se preparar aquella substancia escolhem-se os tuberculos perfeitamente sãos e bem desenvolvidos e descascam-se cuidadosamente, expurgando-os de todas as partes de consistencia ou de cor differente, de forma que fique apenas uma materia perfeitamente homogenea. Megullham-se então as batatas, durante algum tempo, primeiro em agua pura e depois em agua acidulada pelo acido sulfurico. Em seguida, e é esta a parte mais importante da operação, fervem-se as batatas em acido sulfurico. As precauções que se devem empregar então constituem ainda o segredo do inventor.

A batata endurece e perde pouco a pouco a sua permeabilidade. Passa-se ainda por agua quente e depois por agua fria pondo a batata em seguida a seccar, lenta e gradualmente.

Por esta forma se obtem o novo producto, o *marfim de batata*.

Conservação das uvas.—As uvas podem conservar-se por bastante tempo usando do seguinte processo bem simples e muito pouco dispendioso.

Cortam-se os cachos com uns 15 ou 20 centímetros de haste que se mergulha em garrafas com agua, pondo-se estas em sitio fresco e pouco ventilado, mas que não seja demasiadamente humido. Na agua das garrafas deve deitar-se um pequeno pedaço de carvão afim de que a agua se não altere, fazendo apodrecer as uvas. Por esta maneira, tão simples como efficaz, podem-se conservar as uvas até muito tarde.

CHRONICA FEMININA

America.—No territorio de Washington votou-se ultimamente, por 14 votos contra 7, a lei que dá ás mulheres o direito do suffragio, do qual desde já podem usar livremente n'aquelle territorio. Assim se vae progressivamente alargando mais e mais a esphera de acção da mulher que, passo a passo tem conquistado a reivindicacão dos seus direitos, não obstante todos os obstaculos, que por espirito de má fé ou de ignorancia, lhe levantam no seu caminhar os egoismos vis e os preconceitos ridiculos.

França.—E' extraordinario o numero de adhesões que de toda a parte recebe quotidianamente a *Liga franceza para o direito das mulheres*, de que é presidente honorario Victor Hugo, e trabalhador incansavel e dedicado o sr. Leon Richer, redactor da excellente revista *Le Droit des Femmes*.

Ultimamente o sr. Georges Laguerre, deputado por Vaucluse, e um moço sympathico que tem já a sua reputação feita de orador distincto e ardente, enviou ao sr. Richer a seguinte carta que transcrevemos com a devida venia.

«Paris 17 de novembro de 1883.

Meu caro amigo:

Peço que me inscreva no numero dos membros da Liga que fundou para a reivindicacão dos direitos da mulher.

E' uma grande causa essa a que se tem consagrado com tão admiravel dedicacão.

Tem mil vezes razão pedindo que a mulher não seja pelas nossas leis considerada como os menores, os incapazes, os prodigos e os condemnados e estou convencido que ha de triumphar logo que os nossos legisladores se dignem finalmente comprehender que as leis promulgadas ao sahir do Directorio não devem ser as da nossa Republica democratica.

Conte com a minha cooperação, na pequena medida dos meios de que disponho, para trabalhar n'essa obra a que o meu amigo se entrega ha quinze annos com uma coragem de apostolo, e creia que os ultimos que chegam não serão os menos dedicados.

Creia nos meus sentimentos affectuosos.

Georges Laguerre.

Como muito bem faz notar o sr. Richer, esta carta não representa só um testemunho de sympathia, mas é uma força importante para a Liga e cujos resultados são em extremo promettedores de grandes esperanças.

— Regressou a Marselha Madame Dorvan-Lalande, que fora ao Egypto com o fim de combater o colera, e que prestou ali grandes e relevantissimos serviços, e que ella mesma atacada pelo terrivel flagelo. A coragem de Madame Dorvan-Lalande, percorrendo os logares mais perigosos e soccorrendo os colericos com uma extrema dedicacão, e uma intelligencia superior, ha de por certo merecer ao governo da Republica a attentão que lhe é devida.

Oxalá que não fique no esquecimento a recompensa correspondente aos altos merecimentos d'esta corajosa trabalhadora, e que o governo acompanhe a opinião publica nos agradecimentos de que é credora madame Dorvan.

— A 20 de fevereiro proximo abrir-se ha no palacio dos Campos Elyseos a terceira exposicão da *União das mulheres pintoras*. Conservar-se ha aberta até 16 de março.

Suissa.— A universidade de Zurich conta actualmente 32 estudantes de theologia, 50 de direito, incluindo uma mulher, 227 de medicina, comprehendendo 32 mulheres, e 160 de philosophia, comprehendendo 14 mulheres. Ao todo 469 estudantes, sendo 422 homens e 47 mulheres.

CHRONICA DOS THEATROS

FÉDORA

Victorien Sardou, um dos dramaturgos que actualmente tem obtido maiores applausos nos theatros de Paris pelas suas producções, escreveu no inverno passado um drama para Sarah Bernhardt, em que esta actriz teve mais uma occasião de demonstrar os seus bastantes recursos de artista consummada.

O drama era a *Fédora*.

O enredo era simples e quasi inverosimil, mas a peça foi salva de todas as suas falsas posições pelo desempenho magnifico que a celebre actriz franceza lhe soube dar.

Em Lisboa representou-se este drama, como *première*, na quinta feira passada, no theatro de D. Maria, obtendo Virginia um triumpho pela interpretação de tão difficil personagem.

E francamente não se pôde desejar nem fazer mais.

A actriz applaudida que personificou a *Princesa de Bagdad*, a duquesa de Septemonds da *Estrangeira*, a Desdemona do *Othello* e tantas outras creações, estava habilitada para um confronto com Sarah Bernhardt. E

houve-se tão perfeitamente na encarnação da princeza Fedora Romazoff que o publico que assistia áquella *première*, interrompia muitas vezes o animado dialogo para exclamar— muito bem! bravo!—e no final de todos os actos chamava-a ao proscenio, fazendo-lhe então no ultimo uma ovação, como ha muito não viamos no theatro portuguez.

E na verdade eram justos estes applausos.

A distincta actriz encarregando-se d'aquelle papel, estudou-o tão bem que o desempenho é magistral. A angustia quando vê Vladimiro a morrer, o desejo que tem de que se conheça o assassino, o modo glacial e socogado com que se apresenta depois, quando segue a pista do supposto criminoso, a vontade de ferro que nutre para o obrigar a confessar a morte, as transições sublimes d'aquelle coração que quer vingar o seu noivo sem se declarar, o odio que vota ao assassinado ao saber que era trahida e que elle trahira o conde Loris Ipanoff, ultrajando-o no que tinha de mais caro — a esposa — e ao mesmo tempo o amor que consagra ao assassino por ter lavado a sua honra, as crises afflictivas porque passa para o obrigar a não sahir, porque o espera uma morte certa — a do carasco de todas as Russias —, depois o arrependimento por lhe ter causado tantos soffrimentos e a perda dos entes mais caros — a mãe, o irmão e um amigo, que foram victimas das denuncias de *Fédora* —, as supplicas para que perdôe á mulher que tanto mal lhe fez, a sua confissão e por fim a morte causada pelo veneno, apresentando, pouco a pouco, todos os symptomas do energico corrosivo, ora cahindo, ora levantando-se para tornar a cahir, intericando-se-lhe o corpo e morrendo afinal nas maiores agonias! Bello!

Tudo isto fez Virginia sem lhe escapar sequer um olhar, um gesto, um passo ou um movimento.

Brazão no papel de Loris Ipanoff foi muito bem, dando um completo desempenho ao personagem no 3.º e 4.º actos. A dôr, ao receber a noticia da morte horrorosa do irmão e da apoplexia que fulminou a pobre mãe, o desespero e o odio que vota á mulher que machinou tantos supplicios, é feito com bastante estudo e perfeição.

Figuram depois João Rosa, Augusto Rosa, Mello, Antunes, Torres, Rosa Damasceno, etc. em pequenos papeis necessarios á peça mas de pouco interesse por serem simples accessorios.

O *mise-en-scene*, como sempre, magnifico, não se descuidando sequer as menores insignificancias.

Todas as actrizes apresentam magnificas *toilettes*, com especialidade Virginia que em cada acto veste uma e que muito desejaríamos descrever-vos, querida leitora, mas... era tão grande o nosso commettimento — submettendo-nos á vossa critica propria do sexo — que pedimos venia para em tal não fallarmos, nem em incorreremos no crime de alta descortezia profanando coisas que só estão á vossa altura. N'estes casos o unico conselho é que vejaes para fazerdes a idéa completa do quanto poderíamos dizer sem conhecimento de causa.

* * *

PARAIZOS CONJUGAES — O DIA DE REIS

O actor-ensaiador Leopoldo de Carvalho realison o seu beneficio, no theatro do Gymnasio, com a primeira representacão d'estas duas comedias.

Os *Paraizos conjugaes*, — que em tempos ouvimos,

salvo erro, no theatro de D. Maria — obteve bom desempenho por parte de Cezar de Lima, Diniz, Barbara, Beatriz e Jesuina.

E' uma *pochade* que apresenta com mais ou menos verdade, um dos muitos casos do viver domestico, provocando a hilaridade pelos tratos que passam os dois maridos.

O *Dia de Reis* é uma complicação de quiproquos, tres actos de completa gargalhada, em que Valle, Montedonio e Cezar de Lima, são inexgotaveis de graça.

Valle n'um papel de creado, em que é sufficiente só vêr-lhe a cara para nos fazer rir, desempenha-o perfeitamente, sempre com aquella seriedade comica que ha muito lhe conhecemos.

E outro tanto succede a Cezar de Lima — que apresentou uma das mais estravagantes caracterisações que lhe temos visto — e a Montedonio, o marido idoso que depois d'um bello jantar faz a sua *estudantada* — como dizia um sujeito que conhecemos — e que apoz o delicto se arrepende (quasi sempre assim succede) ficando bastante inquieto com a troca de chapéos que houve e com a bofetada que deu n'um individuo que não conhece e que a toda a hora espera que o venha provocar.

Para o bom *ensemble*, concorreram Eloy, Diniz, Maria das Dores e Maria Carolina.

Colysen. — Os incomparaveis irmãos Boisseta apresentaram novamente os seus admiraveis trabalhos das triples barras em que são dignos de vêr-se pelos magnificos exercicios.

Os irmãos Conrads continuam a provocar os applausos quer na parodia ao *Trovador* quer nos differentes trabalhos acrobaticos que desempenham perfeitamente.

Além d'estes a *troupe* japoneza, o cavallo infernal apresentado pelo dr. Wulf, os exercicios da *ecuyère* Marguerite Allen, — onde dispensavamos tanto n'esta artista como no cavallo, os saltos pelos arcos de fogo — os *clowns* Gillenos, e *tutti quanti*, fazem com que o circo se encha e os applausos não faltem a todos os trabalhos que merecem ser vistos pela maneira como são feitos.

No sabbado inauguraram-se as *matinées* infantis, uma maravilhosa idéa que teve a empreza, porque estes espectaculos de dia são muito proveitosos para as creanças que regularmente á noite são provocados pelo somno, incomodando portanto as familias que as levam a taes divertimentos.

Ante-hontem debutaram os *clowns* Trenter, Gaetano e Mazoli que foram bastante applaudidos pelos seus trabalhos, que são feitos com muita perfeição.

O *clown* Mazoli trabalhou depois n'uma bola, subindo e descendo a prancha collocada no meio do circo, em que continuou a conquistar sinceros applausos, porque os exercicios são realmente bem feitos e dependem de muito equilibrio.

Os distinctos artistas Lucinda Simões e Furtado Coelho, juntamente com a companhia do theatro dos Recreios, partiram na terça feira para Coimbra onde vão dar algumas representações com o *Demi-moule*, *Lenço branco*, *Divorciamo-nos*, *Thereza Raquin*, etc.

Emquanto a companhia está fóra, representa n'este theatro a companhia hespanhola do theatro do Rato, a applaudida zarzuela *Los sobrinos del capitán Grant*.

O actor Pereira do theatro do Principe Real faz beneficio com a primeira representação do drama de Dennery *Causa celebre*.

Não se poudo realizar na sexta feira o beneficio do actor Posser, em consequencia d'este distincto artista ter sido atacado de uma *erysipela* na cabeça, complicada com dores nevralgicas.

Em consequencia de não estarem concluidos os trabalhos de reconstrução do theatro do Principe Real, ficou transferida para sabbado a reabertura d'este theatro.

Py-Thon.

ALBUM ENIGMATICO

CHARADA

Premio: — «La Californie du ménage», do dr. Elget

PARA OS ASSIGNANTES DE LISBÓA

Descendez lentement mon dangereux premier.
Montez bien doucement mon penible dernier.
Celebrez dignement le jour de mon entier.

LOVE AND HOPE.

PROVERBIO OCCULTO

PARA OS ASSIGNANTES DA PROVINCIA

Premio — «Bible de l'humanité», de Michelet

Formar um proverbio conhecido com algumas palavras da phrase seguinte:

1 — *Quanto mais se faz por inspirar doçura a esta creança parece que mais augmenta a sua violencia.*

Explicação das composições enigmaticas do numero precedente — *Botoeira*. — *Amazonas*.

Os premios couberam aos primeiros decifradores os ex.^{mos} srs. Nicolau de Barros, de Lisboa e Bernardino da Gama, da provincia.

Vieram em segundo lugar decifrações das ex.^{mas} sr.^{as} D. Carolina Costa, D. Emilia Braga, D. Laura do Castro, e dos ex.^{mos} srs. Fernando Castello Branco, Bernudez, J. P. Figueiredo e J. de Mello.